

Bandidos armados massacram em Beluluane

(Serviço de AIM)

Quarenta pessoas foram massacradas na madrugada do dia 20 por bandidos armados, na área de Beluluane, no distrito de Boane. Segundo a AIM apurou no local, onde se deu o massacre, um grupo de 60 bandidos armados aproximou-se às primeiras horas do último sábado, do posto de controlo rodoviário de Beluluane, disparando granadas de morteiro e bazuca. O posto era guardado por uma secção das Forças Populares de Libertação de Moçambique (FPLM) e pelos milicianos da zona. Devido à situação de intranquilidade na região, nos últimos meses, a população vinha à noite procurar refúgio no posto, dormindo em abrigos rudimentares escavados no solo.

«Eles eram muitos e disparavam de todos os lados», conta Ismael Boaventura Matavele, um dos «oucos sobreviventes do ataque.

Xavier Homo, o chefe adjunto da pequena guarnição, disse por seu turno que, após os primeiros momentos em que «houve resposta ao fogo do inimigo», os militares recuaram, «por que os bandos eram muitos».

No ataque, foram mortos dois milicianos e um soldado.

Vencida a resistência inicial, os bandidos avançaram sobre os abrigos, «gritando muitas asneiras», segundo Boaventura Matavele.

Ele diz que «muitas coisas não consegui perceber» porque «os bandidos na sua maioria falavam Ndau e Chisena, línguas do Centro do País.

Os civis foram chacinados nos abrigos a golpes de catana e machado.

Sequetane Gabriel Mutemba, de 80 anos, cego, está internado na Cirurgia 2 do Hospital Central do Maputo.

A sua mão esquerda foi amputada e o tórax perfurado por uma bala. Ele «não se lembra bem», porque «tudo foi rápido e confuso». Angustiado, não sabe «como vai voltar a fazer machamba». A sua companhia morreu na chacina.

Odete Saveca, de sete anos, e Marcelino Mandate, 10 anos, estão internados na Ortopedia. Ainda traumatizados pelo horror, não conseguem dar detalhes.

«Estávamos a dormir, fui ferido e acho que perdi a consciência. Não me lembro de nada», dizia a custo Marcelino.

Boaventura Matavele também perdeu a esposa no massacre.

«Do manhã, quando começámos a recolher os cadáveres, havia pessoas com cabeças e braços cortados», relatou à AIM.

Aparentemente, ninguém encontra explicação para o massacre.

«Eles vieram só para matar. Aqui não há nada para roubar nem para destruir», é a conclusão de Xavier Homo.

UM POUCO DE HISTÓRIA

O grupo de bandidos armados que massacrar 40 componentes em Beluluane, levava «xigobos» (tambores)

para o ataque. Cantando, faziam fogo com morteiros, bazucas, granadas, metralhadoras MG — narraram no último sábado à AIM sobreviventes da chacina.



Sequetane Mutemba, sobrevivente do sádico massacre de Beluluane. A foto é elucidativa do quanto sofreu

Elisa Masela disse que os bandidos gritavam em changana (língua do Sul do País): «Hoje vão aprender, mataremos todos. Não lhes damos que não construa aldeias? Diziam ainda: — Enganaram-vos, enquanto iam disparando de covas em covas, onde nos escondíamos.

«Quando acabou o tiroteio, ouvi que eles se aproximavam de nós, dizendo que nos iam matar a todos. Então, gritei. Enrolei-me com o meu cobertor e cozei-me no solo dentro da cova» — disse Lúcia Massingue, outra sobrevivente.

Ela acrescentou que ouviu disparos junto à cova e sentiu calor na coxa, quando uma bala a atingiu de raspo. O mau cheiro e as três crianças morreram na cova — disse.

Angelina Bila contou que primeiro

ouvi um forte estrondo, tendo-se seguido sons de tambores, canções insultuosas, gritarias e apitadeiros.

O MASSACRE

Os sobreviventes disseram que o efectivo da guarnição estacionado no local era muito reduzido em relação ao número de bandidos, tendo sido obrigado a recuar.

Os bandidos aproximaram-se, massacraram a população e retiraram-se imediatamente, a coberto da noite.

As autoridades distritais de Boane têm vindo a conceder ajuda material aos sobreviventes, tendo-lhes fornecido farinha de milho, leite em pó enriquecido, bacalhau e manteiga. As autoridades garantiram também à AIM que estão a ser desenvolvidas acções de organização social e política daqueles sobreviventes, bem como as necessárias medidas de segurança militar.

No local, a AIM travou contacto com um antigo combatente da FRELIMO, Francisco Buana Antumane, que protagonizou um duelo com um homem branco, que comandava um grupo de bandidos armados que na noite do dia 6 do corrente destruiu sete tractores e três carros da empresa Citrinos de Moçambique, localizada a cerca de 4^o quilómetros da capital.

Francisco Antumane disse ter ouvido na altura um ruído de botas a pensar que fossem militares da empresa. Quando se levantou e espreitou pela janela, viu quatro pessoas, entre elas um branco.

«Eles murmuraram, disse, em língua que me pareceu inglês. Fiquei atrealhado. O branco dirigiu-se à porta da minha casa e os outros desapareceram.

ATAQUE ANTERIOR

Ele disse que o branco tentou abrir a porta, mas a princípio não conseguiu porque eu bloqueiei a fechadura. Quando cedi, ele descerrou-me um muro nas costas, tendo-me estatelado no chão. Miraram-se num silêncio que não se prolongou, porque o branco tentou uma nova investida, iniciando a luta corpo a corpo.

Durante a refrega, o instruso usou o punhal para agredir o antigo combatente.

Vendo-se em situação de inferioridade, o agressor utilizou também a pistola.

Nessa altura, Francisco Antumane conseguiu escapar-se em direcção a um rio muito próximo.

Os bandedeiros tinham-se dividido em dois grupos: um, que integrava o homem branco, foi atacar o bloco quatro e outro o bloco dois.

O grupo comandado pelo indivíduo da raça branca subdividiu-se, para atacar o bairro dos trabalhadores e a zona dos escritórios onde se localiza a residência de Francisco Antumane.

No bloco quatro, destruíram seis tractores e vidros dos escritórios. No bloco dois um tractor e três viaturas.

No bloco quatro, tanto o grupo que se encontrava no bairro dos trabalhadores, como o que acompanhava o homem branco responderam ao sinal da pistola.

Os atacantes deste bloco fugiram em debandada quando se aperceberam da aproximação de uma unidade motorizada do Exército.

Segundo declarou Francisco Antumane, nos dois ataques os bandidos não assassinaram nem rapinaram pessoas, devido à resposta imediata das Forças Armadas de Moçambique (FPLM).

Quanto ao homem branco, Francisco Antumane disse que era alto, forte, vestido de uniforme militar, com bone, pistola e punhal.



Francisco Antumane, testemunha dum recente sabotagem dos bandidos